

Há 40 anos era apenas um atalho. Hoje é uma ladeira asfaltada e muito movimentada

Barulho e sujeira na Cruz da Redenção

Apesar da fama de ser apenas uma passagem, a ladeira da Cruz da Redenção, em Brotas, vive constantes transformações. Se no passado, pela década de 40, era apenas um caminho, um atalho para os pescadores do local chegar até a orla, hoje, este uso continua, mas foi asfaltada e as modestas casas de veraneio, de palha e taipa, foram substituídas por edifícios luxuosos que nada ficam a dever aos dos nobres vizinhos do Acupe.

Quem passa pela ladeira não liga muito — é apenas um acesso e faz

parte de quase todos os itinerários. A subida e a descida são rápidas. Os mais observadores, no entanto, vêem a grande transformação. Na ladeira, também conhecida como ladeira da Ubaranas, já não tem mais terreno baldio e dois imensos hotéis já se instalaram lá. Fora isso, alguns prédios de apartamentos estão em fase final de construção e a ladeira é bem servida de transportes, o que facilita a vida dos moradores.

Com o tráfego nos dois sentidos, a rua fica movimentada desde cedo. Às

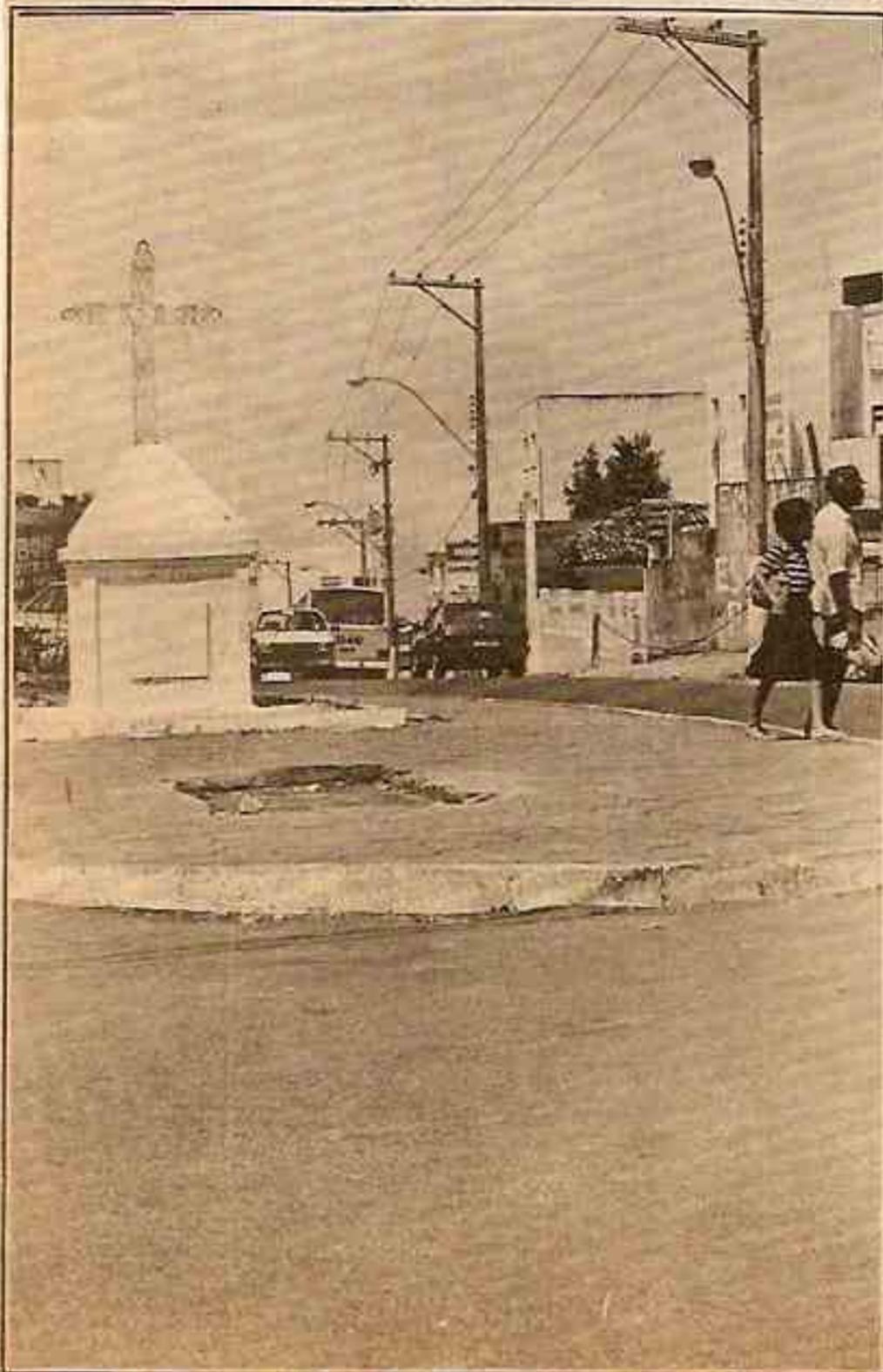
6:30min, segundo Maria de Lourdes Saldanha Santos, moradora da ladeira há 40 anos, começa a confusão que só pára por volta das 20 horas. “Isso nos dias de semana, porque nos fins de semana é direto”, conta. Quando ela foi residir na casa de número 8, onde até hoje vive, a ladeira era bem tranqüila. Ela recorda: “Era estreita, cheia de mato e barro e muito íngreme”. Depois da abertura do acesso Brotas/Pituba, começaram a surgir as construções mais altas e o comércio local.

HISTÓRIA

No largo da Redenção — na parte final da ladeira — segundo Maria de Lourdes, sempre existiu o cruzeiro — símbolo em formato de cruz — que fica centrado na praça, mas ele também sofreu mudanças. “Era bem maior e mais destacado” diz, ao comparar o que hoje está no lugar, “bem menor”. A maior contradição dos moradores é sobre o seu simbolismo. Para uns, representa a vitória dos jesuítas nas suas catequeses. Outros garantem que é o marco da vitória dos “índios contra os portugueses”. De uma forma ou de outra, eles não conhecem sua história e demonstram não estar interessados em sabê-la.

Nem mesmo o intenso tráfego da ladeira, que provoca muito barulho e poluição, chega a incomodar seus moradores tanto quanto as peixarias do largo. José Antônio Gifoni, corretor de imóveis e morador da ladeira, conta que é “um inferno” a sujeira do largo, fora ainda o mau cheiro das vísceras jogadas nas calçadas. “O cruzeiro hoje é mais depósito de lixo do que um marco da história”, acrescentando: “Todas as manhãs, quando os peixeiros lavam suas barracas, desce uma água preta e fedorenta pela ladeira abaixo; acompanhada de restos de mariscos deteriorados”. Além disso o local é uma grande ameaça aos pedestres que ficam parados muito tempo até encontrarem uma chance de atravessar a ladeira. Para os comerciantes, o maior problema são os atropelamentos e as constantes buzinas, que “azucrinam o juízo” os ladrões, que atacam à luz do dia.

Sem se recordar precisamente da data — “depois do Carnaval”, informa — José Antônio Gifoni conta que há quatro anos foi instituído o Dia da Lavagem da Cruz da Redenção. Nesse “dia”, os moradores realizam a lavagem com flores e água perfumada feita pelas baianas, e um trio elétrico anima a festa durante todo o dia.



Cruz da Redenção: história pouco conhecida pelos moradores